

## Celso Furtado: o último romântico

PLINIO DE ARRUDA SAMPAIO JR.\*

*“Cuando falta decoro a muchos hombres,  
algunos hombres reunen el decoro de  
muchos”.*

José Martí

No final de 2004, o Brasil perdeu um de seus mais lúcidos críticos: o economista Celso Furtado. Trabalhador incansável, suas brilhantes sínteses sobre a problemática do subdesenvolvimento pautaram praticamente todos os debates da segunda metade do século XX sobre os dilemas da formação econômica. Concorde-se ou não com suas teses, é impossível entender o Brasil moderno sem dialogar com suas criativas interpretações teóricas e históricas.

Preocupado em compreender as bases materiais da sociedade nacional, Furtado procurou estabelecer critérios racionais para a incorporação de progresso técnico. Não lhe escapou que o estilo de desenvolvimento das forças produtivas e de modernização dos padrões de consumo é correia de trans-

missão de valores socioculturais predefinidos. Seu livro *Cultura e desenvolvimento* explicita o caráter ideológico das tecnologias: “A denúncia do falso neutralismo das técnicas permitiu que se restituísse visibilidade a essa dimensão oculta do desenvolvimento que é a criação de valores substantivos”.

Dada a ausência de critérios éticos na lógica da valorização do capital, Furtado insiste na importância crucial do poder político na definição de parâmetros institucionais que delimitam o campo de atuação da concorrência. Em sua perspectiva analítica, o desenvolvimento nacional supõe a subordinação da iniciativa privada aos interesses da coletividade. “Um sistema econômico”, afirma Furtado em *Transformações e crise na economia mundial*, “é

\* Professor do Instituto de Economia da Unicamp.

essencialmente um conjunto de dispositivos de regulação, voltados para o aumento da eficácia no uso de recursos escassos. Ele pressupõe a existência de uma ordem política, ou seja, uma estrutura de poder fundada na coação e/ou no consentimento”.

Expoente do desenvolvimentismo latino-americano, Furtado foi um severo crítico do economicismo – um tipo específico de cretinismo, que pensa o funcionamento da economia como um fenômeno independente do resto do corpo social. Em sua opinião, os economistas que não percebem o seu meio social atuam como sacerdotes da ordem, mistificando as potencialidades do progresso técnico e racionalizando o *status quo*. “O grande alcance ideológico da ciência econômica, no sentido de contribuir para facilitar o desenvolvimento das forças produtivas no quadro do capitalismo, radica em que ela contribui para ocultar o elemento de poder que existe nas decisões econômicas, assimilando-as a ‘automatismos’ ou ‘mecanismos’, cujas leis deviam ser ‘descobertas’ e escrupulosamente respeitadas”, escreve Furtado em *Prefácio à nova economia política*.

Uma das dimensões ocultas pelo economicismo é o caráter altamente assimétrico do sistema capitalista mundial e as difíceis escolhas que devem ser feitas pelas sociedades que fazem parte da periferia. Submetidas aos constrangimentos da dependência econômica e cultural e ao arbítrio da dominação política, as economias periféricas não

têm como repetir as façanhas das economias centrais. A teoria do subdesenvolvimento de Furtado denuncia a irracionalidade de um padrão de acumulação que, ignorando tais restrições, estabelece necessidades materiais incompatíveis com as possibilidades das forças produtivas. O resultado é a cristalização de uma sociedade marcada pela dependência externa, pela segregação social e pela heterogeneidade estrutural das forças produtivas.

Leitor atento de Marx, em várias ocasiões Furtado reconheceu a contribuição do materialismo histórico na formação de sua visão de mundo. Compartilhou com a tradição inaugurada por Marx e Engels, sobretudo no que se refere a uma idéia crucial: a noção de necessidade como produto das contradições sociais.

Embora em permanente diálogo com o socialismo científico, Furtado nunca foi um marxista. Seu criativo esquema analítico combina um amplo e diversificado leque de influências. Não é difícil reconhecer em seus escritos a noção de excedente da economia política clássica; o enfoque estruturalista da relação centro-periferia de Prebisch; a idéia de círculo vicioso da pobreza de Myrdal; os ensinamentos de Pélroux sobre desenvolvimento regional; as teorias de Keynes sobre os determinantes da renda e sobre o papel decisivo do Estado na regulação da economia. No entanto, o vetor organizador desta complexa construção teórica é uma original apropriação da metodologia analítica e

de mediação histórica de Max Weber e Karl Mannheim.

Interessado em compreender o processo de construção do Estado nacional na América Latina e no Brasil, as sínteses históricas de Furtado organizam-se em torno da difícil relação entre subdesenvolvimento e formação econômica. Em diálogo explícito com a tradição do materialismo histórico, ele nega a existência de qualquer lei de movimento que impulse a história. Em sua perspectiva, o movimento da história é indeterminado. “O subdesenvolvimento, como Deus Jano, tanto olha para frente como para trás, não tem orientação definida. É um impasse histórico que espontaneamente não pode levar senão a alguma forma de catástrofe social”, escreve em *Brasil: a construção interrompida*.

Ao examinar o processo histórico brasileiro, Furtado diferencia dois momentos. Até o final da década de 70, predomina o vetor positivo da construção da Nação. Em *Formação econômica do Brasil*, mostra que, avançando pela linha de menor resistência, um conjunto de circunstâncias históricas muito particulares, externas e internas, permitiu que a industrialização subdesenvolvida fosse levada ao paroxismo. O Brasil teria se constituído, assim, em um dos casos exemplares das potencialidades e perigos do subdesenvolvimento.

No entanto, a partir da crise da dívida externa, nos anos 80, o futuro da Nação estaria em risco. A impotência diante de um marco histórico extra-

ordinariamente adverso, gerado pela transnacionalização do capitalismo e pela crise da dívida externa, teria colocado o futuro do Brasil em xeque. Em *Brasil: a construção interrompida*, Furtado resume de maneira dramática a encruzilhada histórica em que se encontra a sociedade brasileira: “Em meio milênio de história, partindo de uma constelação de feitorias, de populações indígenas desgarradas, de escravos transplantados de outro continente, de aventureiros europeus e asiáticos em busca de um destino melhor, chegamos a um povo de extraordinária polivalência cultural, um país sem paralelo pela vastidão territorial e pela homogeneidade lingüística e religiosa. Mas nos falta a experiência de provas cruciais, como as que conheceram outros povos cuja sobrevivência chegou a estar ameaçada. E nos falta também um verdadeiro conhecimento de nossas possibilidades, e principalmente de nossas debilidades. Mas não ignoramos que o tempo histórico se acelera, e que a contagem desse tempo se faz contra nós. Trata-se de saber se temos um futuro como nação que conta na construção do devenir humano. Ou se prevalecerão as forças que se empenham em interromper o nosso processo histórico de formação de um Estado-nação”.

Furtado foi um republicano, na melhor acepção do termo. Buscava uma alternativa que permitisse às sociedades latino-americanas superar a asfixiante influência dos Estados Unidos sem romper com o capitalismo. Seu esforço era

encontrar um caminho entre o receituário liberal, incompatível com a industrialização das economias dependentes, e o socialismo revolucionário, que pregava a ruptura radical com o capitalismo. Ao discutir as opções do Brasil no início da década dos anos 60, em seu livro *Pré-Revolução brasileira*, Furtado formulou com muita clareza seu horizonte político-ideológico: “O problema fundamental que se apresenta é, portanto, desenvolver técnicas que permitam alcançar rápidas transformações sociais com os padrões de convivência humana de uma sociedade aberta. Se não lograrmos esse objetivo, a alternativa não será o imobilismo, pois as pressões sociais abrirão caminho, escapando a toda possibilidade de previsão e controle”.



Independentemente das diferenças teóricas e políticas com os marxistas, Furtado sempre esteve na trincheira certa, tornando-se uma das principais referências das forças políticas que se aglutinavam em torno das bandeiras nacionais e democráticas. Suas proposições indicam as rupturas indispensáveis, externas e internas, para a superação do subdesenvolvimento. Em sua essência, a agenda de reformas propostas – sistematizadas em *Uma proposta para o Brasil* – continua surpreendentemente atual.

Engajado de corpo e alma na luta pela construção da Nação, encarnou como ninguém as utopias e as frustrações do nacional desenvolvimentismo. Impermeável a modismos, combateu até

o fim todas as formas de colonialismo. Vitorioso na vida, Furtado sofre duras derrotas políticas. As esperanças despertadas pela campanha pelas reformas de base foram soterradas pelas baionetas da ditadura militar. As ilusões geradas pela idéia de que o fim da ditadura militar descongelaria a história, abrindo espaço para as reformas, foi rapidamente desfeita pela total incapacidade da “Nova República” de desvencilhar-se da tutela dos organismos financeiros internacionais e resistir ao avanço avassalador da ideologia neoliberal.

As derrotas políticas e a situação de forte isolamento intelectual não abalaram sua disposição de combate e seu otimismo em relação ao futuro do Brasil. Na epígrafe de seu livro *Brasil: a construção interrompida*, escrito no início dos anos 90, no bojo do neoliberalismo triunfante, Furtado reconheceu, não sem uma pitada de auto-ironia, a adversidade do momento histórico: “Resistir à visão ideológica dominante seria um gesto quixotesco, que serviria apenas para suscitar o riso da platéia, quando não o desprezo de seu silêncio. Mas como desconhecer que há situações históricas tão imprevistas que requerem a pureza de alma de um Dom Quixote para enfrentá-las com alguma lucidez? E como a História ainda não terminou, ninguém pode estar seguro de quem será o último a rir ou a chorar”.

Furtado não teve tempo para ver o Brasil com que tanto sonhou e para o qual tanta energia dedicou. A adesão incondicional dos governos FHC e Lula



ao neoliberalismo fechou o ciclo de ilusões em relação à possibilidade de “civilizar” o capitalismo brasileiro. As derrotas de todas as iniciativas de “reformas” progressistas das últimas cinco décadas não deixam margem a dúvidas. Florestan Fernandes estava correto quando alertava que, depois de 1964, o Estado burguês passou a funcionar no Brasil como uma contra-revolução permanente. Quase que como um aviso, Furtado nos deixa exatamente no momento em que fica cada dia mais claro que um Brasil democrático e soberano só é possível nos marcos do socialismo.